

## CONTOS

### SORTE GRANDE

Coracy Teixeira Bessa

Sonhei com duas dezenas: 31 e 15. Acordei e fui anotar para não esquecer. Voltei a dormir. O sorteio naquele dia acumulou. Senti alívio porque eu não jogara. Teria uma nova chance. Aquela era a segunda vez que o prêmio máximo frustrara milhares de apostadores. E o fato se repetiu mais duas vezes. A tensão aumentava em mim na medida em que eu não conseguia fazer a minha aposta, a minha “fezinha”, como se diz na gíria dos apostadores. É que eu estava prisioneira em casa e não havia a quem pudesse pedir o favor de ir até a lotérica e fazer a minha aposta. Preocupada por não saber qual a validade do palpite do meu sonho, torci por uma nova acumulada do prêmio para me dar a oportunidade de fazer o jogo...

Sorratamente a porta do quarto se abriu e Jandira avançou em direção à minha cama. Sem uma palavra, colocou-me na *chaise-longue* que pertencera à tia Raimunda (aquela que, furibunda, atirara no marido e suicidara-se em seguida). Seguindo a rotina, cuidou de trocar a roupa de cama, preparar o meu banho quente na banheira esmaltada e carregou-me até lá. Não peso muito, desde que fiquei atrelada à cadeira de rodas.

Jandira é uma mulher forte, carrancuda, ágil de gestos e de passos, dando conta de todo o serviço da casa. É verdade que não há muito o que fazer, somente nós duas habitamos este imóvel, única herança que me coube ao atingir a maioridade, de acordo com o legalmente estabelecido no testamento. O acidente que matara meus pais, vitimara a mim. Jandira havia sido auxiliar de minha mãe desde que eu era adolescente e continuou a cuidar de mim. E não me permite apostar em nenhum tipo de jogo. Alega que “*jogo é coisa do diabo!*” segundo a religião que pratica. Por mais que eu tente corrompê-la prometendo-lhe “mundos e fundos”, ela não cede! E a minha ansiedade, cada vez maior: será que o sorteio irá acumular novamente? Se tal ocorrer, será um fato inédito!

Desconfio que a minha carcereira está de paquera nova: ultimamente vem se demorando mais de retornar após o seu horário de culto. Hoje, por exemplo, já está mais de meia hora atrasada. O noticiário da TV já vai começar e ela não chegou para me servir o jantar! Onde está o controle remoto da televisão?! Ela sabe que eu detesto procurar as coisas! Preciso saber se o sorteio acumulou novamente! Isto já está se tornando uma obsessão. Ah! Finalmente encontrei o controle, não o meu, o da TV! Devo tê-lo derrubado quando me acomodei para a sesta. Vamos ver, será, será?? O rapaz do noticiário quer fazer suspense: por que não informa logo se novamente ninguém acertou as

seis dezenas? Fale! Fale logo! Oh, céus! Não sei se vou aguentar,,, Finalmente! Outra vez, acumulou o sorteio! Ainda tenho uma chance de poder apostar! Preciso dar um jeito de conseguir ir até a casa lotérica. Fica perto, logo ali na esquina da rua. Haverá tempo, uma vez que o estabelecimento funciona até as vinte horas. Terei que aproveitar a saída de Jandira no próximo sábado. É dia em que ela tem, além das orações, a confraternização das aniversariantes do mês. Ela não perde uma! E ainda me traz algum docinho da festa. Falando nisso, estou morrendo de fome!

Hoje será o grande dia, Não consegui almoçar direito com tanta ansiedade. Jandira ficou agastada por ter eu desprezado o suflê de brócolis que ela faz tão bem! Quando lhe disse que amanhecera indisposta, ela prontamente se prontificou a faltar ao compromisso da noite. Gelei! Não podia concordar com isso. Seria a minha última oportunidade para conquistar a sorte grande! O sorteio, seguramente, não voltaria a acumular! Custou a acreditar que a minha indisposição fora coisa passageira. Para prová-lo, aceitei tomar a xícara de chá de carqueja, que detesto!

Pronto! Jandira se foi e eu me apressei a me preparar para sair. Com esforço, acomodei-me na cadeira de rodas, apanhei a nota de cem e uma de cinquenta (para o caso de não haver troco fácil) e as chaves. Quando tranquei o portão, senti uma espécie de calafrio, não sei se de nervosismo ou da indisposição alegada. Criei coragem e, vencendo com dificuldade os percalços do trajeto (oh! céus! quanto buraco na calçada!), cheguei à lotérica. Quase não consigo avançar pela rampa até o local de armazenagem das cartelas de vários jogos. Escolhi a principal e preenchi as dezenas do meu sonho. A seguir, fui marcando mais oito dezenas com as combinações variantes desses quatro algarismos. *Cerquei a sorte grande!* pensei. Com mãos trêmulas, entreguei à mocinha do caixa a minha cartela e a nota de cem. A garota olhou, olhou a cartela e me perguntou: “São dez dezenas?!”. Respondi: “Sim! São dez!”. Ela então informou: “São mais de setecentos...”. Eu me assustei: “O quê?! Tudo isso?!”. “Sim! É melhor fazer um “bolão”, custa só cinquenta...”. “E tem as dezenas 31 e 15?”, perguntei. Ela verificou a cartela do bolão e diz: “Não!” e me devolve a cartela e a nota de cem. “Vá fazer o seu jogo em nova cartela”. Retornei ao depósito das cartelas e automaticamente dobrei, rasguei a primeira cartela e joguei os pedaços no lixo. Anotei as duas dezenas do sonho na nova cartela e mais quatro dezenas aleatórias. Novamente junto ao balcão, entreguei o novo jogo e... onde está a nota de cem?! Pressurosa, busquei o local do lixo, catei os pedaços de papel que havia descartado e encontrei a nota de cem, rasgada em três pedaços! Aliviada, sentindo que já fora afortunada em não perder uma nota de cem, aproximei-me novamente do caixa e perguntei à garota se ela tinha *durex* para restaurar a cédula. Ela confirmou, colou os pedaços e... me ofereceu uma nota de cem novinha! Então, registrou a minha aposta e cobrou da nota de

cinquenta. Agradei e tomei o caminho de volta. Já era hora de acompanhar o sorteio...

*O sorteio começa. A mulher vai marcando os números. À medida que vai acertando, a ansiedade chega ao clímax ao mesmo tempo em que confirma ter acertado a sorte grande e... desaba da cadeira de rodas, com a cartela na mão. Jandira chega da rua, encontra a cartela e... rasga-a.*